

## Memória e Espaço Manauenses na crônica Margens Secas da Cidade (2013), de Milton Hatoum /

### *Memory and Space of the city of Manaus in the chronicle 'Dried margins of the city' (2013), by Milton Hatoum*

*Rayron Lennon Costa Sousa \**

Professor Assistente da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Campus São Bernardo. Doutorando em Literatura pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, Mestre em Teoria Literária pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Graduado em Letras - Português/Espanhol e respectivas literaturas pela Universidade do Tocantins – UNITINS. Vice-Coordenador do Grupo de Pesquisa em Literatura, Alteridade e Decolonialidade - GPLADe, vinculado à UFMA; Membro do Grupo de Pesquisa em Historiografia, Cânone e Ensino, vinculado à Universidade de Brasília - UnB e Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura, Leitura e Ensino, vinculado à Universidade Estadual do Piauí - UESPI.

 <https://orcid.org/0000-0002-7052-0031>

*Risoleta Viana de Freitas \*\**

Professora Substituta da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Caxias. Doutoranda em Literatura pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. Especialista em Literatura e Ensino e Graduação em Letras / Português, ambas titulações pela Universidade Estadual do Maranhão. É integrante do Grupo de Pesquisa Teseu, o labirinto e seu nome (UFPI) e do Grupo Americanidades: lugar, diferença e violência.

 <https://orcid.org/0000-0002-2437-7000>

**Recebido:** 27 mar. 2020. **Aprovado:** 11 mai. 2020.

#### **Como citar este artigo:**

COSTA SOUSA, Rayron Lennon; FREIRAS, Risoleta Viana. Memória e Espaço Manauenses na crônica Margens Secas da Cidade (2013), de Milton Hatoum. *Revista Letras Raras*, v. 9, n. 2, p. 22-38, jun. 2020.

---

\*

 [rayronsousa@hotmail.com](mailto:rayronsousa@hotmail.com)

\*\*

 [risoleta.rfreitas@gmail.com](mailto:risoleta.rfreitas@gmail.com)



<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v9i2.1743>

## RESUMO

A Amazônia Brasileira, região norte do país, especificamente, a cidade de Manaus, ambientou grande parte da produção literária de Milton Hatoum. Exemplo disso são as obras: *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005) e *Um Solitário à espreita* (2013), em que percebemos a cidade de Manaus como espaço construído e evocado inúmeras vezes pela tessitura memorialista do autor. Nesse sentido, objetivamos discutir a evolução do espaço citadino em Manaus a partir da relação entre as memórias construídas na infância e a revisitação dos mesmos espaços geradores na vida adulta, partindo de uma análise contrastivo-explicativa do tempo cronológico, inferindo ainda sobre o lugar da memória no processo de reconstrução da cidade. Para tanto, este artigo tem como *corpus* de análise a crônica *Margens Secas da Cidade* (2013), integrante da coletânea *Um Solitário à espreita*. As discussões teóricas partiram de Assmann (2008; 2011), Halbwachs (2006), Bachelard (1993) e Tuan (2012), dentre outros, nos quais ancoramos as reflexões a respeito da memória e do espaço. Intenta-se que as discussões contemplem um olhar sobre evolução do espaço citadino manauense, entendido pelo narrador como movimento de declínio, através da relação entre o passado e o presente, a partir do retorno aos espaços de felicidade para entender os efeitos da modernidade sobre o homem e sobre a cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaço; Memória; Manaus; Milton Hatoum.

## ABSTRACT

The Brazilian Amazonia, North region of the country, specifically, Manaus city, provided great part of the literary production of Milton Hatoum. An example are the works: *Tale of a certain Orient* (1989), *The brothers* (2000), *Ashes of the Amazon* (2005) and *A lonely lurking* (2013), in which we understand Manaus city as a constructed space and evoked several times by the memorialist discourse of the author. In this way, we aim to discuss the evolution of Manaus city space, from the relation among the memories constructed in childhood and the return to the same spaces in adulthood, through a contrastive and explanatory analysis of the chronological time, inferring yet about the place of memory in the process of the city reconstruction. Thus, this article has as *corpus* the chronicle *Dried margins of the city* (2013), part of the collection *A lonely lurking*. The theoretical discussions were based on Assmann (2008; 2011), Halbwachs (2006), Bachelard (1993) and Tuan (2012), among others, in whom we supported the reflections about memory and space. We aim that the discussions may reflect about the manauense city space, understood by the narrator as a movement of decline, through the relation between past and present, from the moment of return to the spaces of happiness to comprehend the effects of modernity over the man and over the city.

**KEYWORDS:** Space; Memory; Manaus; Milton Hatoum.

## 1 Introdução

A Literatura Brasileira Contemporânea tem sido interpretada por diversos matizes, que em vez de classificarem e ditarem o que deve ou não ser contemplado pelos críticos, fornecem subsídios que possibilitam análises através de inúmeras categorias, como é o caso da presença da memória e do espaço que, via de regra, atravessam toda a literatura. Nesse contexto, diversas são as vozes, os escritores e escritoras, os tempos, as temáticas e os protagonismos resultantes dessas óticas. Tais encaminhamentos direcionam a estética literária da contemporaneidade para ser compreendida pela crítica a partir de uma infinidade de temas e de contextos, ligando-os aos de seus escritores/escritoras, domiciliados e ambientados nos mais diversos locais de afetividade, de felicidade e de fala.

A partir dessa perspectiva, da literatura possibilitar e empreender um projeto heterogêneo de produção, mergulhamos nos meandros literários do escritor manauense Milton

Hatoum, para identificar e pensar o(s) lugar(es) da memória e do espaço na construção de uma sociedade moderna, uma vez que o escritor pode ser conhecido pelo cultivo de uma escrita alicerçada no teor memorialista de suas narrativas, cuja tessitura (re)desenha a Manaus do século XX, como vislumbramos em *Relato de um certo Oriente*, quando a narradora inominada revela suas impressões no momento de regresso a Manaus, após muitos anos longe dessa cidade. Vejamos o trecho a seguir:

[...] Não desejava desembarcar aqui à luz do dia, queria evitar as surpresas que a claridade impõe, e regressar às cegas, como alguns pássaros que se refugiam na copa escura de uma árvore solitária, ou um corpo que foge de uma esfera de fogo, para ingressar no mar tempestuoso da memória. Lá no alto, o viajante noturno tem a sensação de que um rio de histórias flui na cidade invisível. [...] Nada anuncia o fim da longa travessia aérea: bruscamente, como as luzes de um gigantesco transatlântico a flutuar num oceano que separa dois continentes, uma constelação terrestre e aquática te adverte que a floresta ali muda de nome, que o rio antes invisível agora torna-se um caminho iluminado, e também suas margens, seus afluentes, os braços dos afluentes e até mesmo a floresta, em pontos esparsos, são pontilhados de luz. (HATOUM, 2008, p. 186-187).

As narrativas de Hatoum, se analisadas sob a vertente teórica das categorias espaço e memória, dizem muito sobre sua autenticidade, que, via de regra, reside no processo de rememoração das experiências cotidianas por seus protagonistas, ao passo que evocam lembranças ao revisitarem os mesmos espaços da infância. A revisitação, para a reconstrução de um passado, é característica de suas obras, pois no movimento da descrição do espaço reativada através da memória individual, o narrador intradieético entra em cena e questiona o declínio da cidade, bem como os efeitos do tempo sobre o homem e sobre os espaços, que morrem para darem vida a uma indiferença automatizada quanto às transformações dos espaços que o cercam.

Com base nisso, objetivamos discutir a evolução do espaço citadino de Manaus por meio da relação entre as memórias construídas na infância e a revisitação dos mesmos espaços geradores na vida adulta, partindo de uma análise contrastivo-explicativa dos efeitos do tempo cronológico, inferindo ainda sobre o lugar da memória no processo de reconstrução da cidade no tempo presente. Tais aspectos são observados a partir da crônica *Margens Secas da Cidade* (2013), que integra a coletânea *Um Solitário à espreita*.

As discussões teóricas partiram de óticas que consideram os espaços como lugares de recordação, ancorados nas inferências de Aleida Assmann (2008; 2011), dialogicamente

alinhadas com o que discute Maurice Halbwachs (2006), sobre a memória coletiva enquanto memória cultural, constituídas a partir de inúmeras memórias individuais. Gaston Bachelard (1993) entra na discussão para pensar esses espaços geográficos como de afetividade, espaços esses que constituem as atemporalidades das memórias. Yi-Fu Tuan (2012) argumenta a respeito das relações estabelecidas entre o homem e o meio ambiente, simbolicamente representadas nas narrativas literárias, nesse contexto, especificamente, sobre a materialidade da topofilia, enquanto percepção e constituição dos espaços de felicidade, bem como outros autores.

Portanto, *Margens secas da Cidade* (2013) possibilita um mergulho na reconstrução, através das memórias carregadas de sentimentos inaugurais de cada espaço mapeado pela infância, de uma cidade perdida no tempo, substituída pela modernidade, que não mediu seus efeitos sobre os homens e, conseqüentemente, os espaços. A reconstrução memorialística e espacial de Manaus dá-se a partir da relação entre passado e presente, que são concebidos pelo protagonista como espaços (re)construídos pelo fio da memória, possibilitando situar os sujeitos partícipes da narrativa em um espaço e tempo determinados. A figura do homem-árvore, numa via alegórica, é a representação da infância nua e viva, de um contexto amazônico que é esquecido, ao passo que a cidade caminha no tempo cronológico da modernidade e, nesse percurso, o mesmo homem-árvore, que foi capaz de atravessar o tempo, ocupando um lugar no passado e no presente, sobrevive consumido na cidade e toma a corporificação de suas margens secas – de seu declínio. No item que segue, vemos a relação estabelecida entre as reflexões teóricas sobre o espaço, a memória e o fazer literário do escritor manauara.

## 2 Milton Hatoum e as teorias do espaço e da memória

Manaus, como já mencionado neste trabalho, ambienta muitas produções literárias de Hatoum. No contexto temporal do século XX, o autor inscreveu-se na literatura brasileira com sua obra *Relato de um certo Oriente*, em 1989, que concedeu-lhe o Prêmio Jabuti de melhor romance memorialista do ano. Seguiu com *Dois irmãos*, em 2000, que foi traduzido para doze idiomas, tendo ainda sido adaptado para outras linguagens – cinema, televisão, História em

Quadrinhos<sup>1</sup>. Cinco anos depois, o escritor lança *Cinzas do Norte* (2005), que pela segunda vez, agraciou-lhe com o Prêmio Jabuti.

No universo dos contos, o autor lançou *A cidade ilhada* (2006), seguida de sua primeira novela, *Órfãos do Eldorado* (2008). Nesse contexto, como resultado de uma organização de crônicas, publica *Um solitário à espreita* (2013), que traz um contingente de noventa e seis crônicas compiladas de suas publicações em jornais e revistas, dentre as quais selecionamos *Margens Secas da Cidade*<sup>2</sup>, para discutir a caminhada temporal do espaço citadino de Manaus, a partir da memória cultural e individual, bem como o declínio desse espaço, que é revisitado na vida adulta, por meio das memórias da infância.

Nesse sentido, estando entre os maiores escritores memorialistas contemporâneos, Hatoum inscreve sua literatura no diálogo entre o mundo real e o fictício, contexto esse construído através de memórias e afetos que, via de regra, caracterizam-no pela apresentação da região amazonense como ponto de partida para pensar e entrelaçar o passado e o presente, contrastivamente, através do espaço da cidade manauara, que nos é apresentado pela tessitura construída pelo fio de lembranças individuais que formam um todo coletivo, ou seja, a memória coletiva da qual nos expõe Halbwachs (2006), que para ele é a somatória de relatos de vivências e experiências de cada indivíduo. Dessa maneira, vemos o estabelecimento de relações entre sujeito, espaço e memória, que pode ser corroborado com o pensamento e discussões de Gaston Bachelard (1993), quando discorre sob as relações estabelecidas entre o homem e o espaço.

Por meio dessa impulsão, compreendemos o trânsito do escritor em conceber no tempo presente uma viagem ao tempo passado a partir de uma (re)construção através do texto literário. Assim sendo, Hatoum caminha na direção do que Aleida Assmann expõe em seu livro *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011), quando fala sobre o fim da memória nas últimas décadas, em virtude de um processo de esquecimento, que é resultado da

---

<sup>1</sup> Os irmãos e quadrinhistas Fábio Moon e Gabriel Bá adaptaram para HQ a obra *Dois Irmãos* (2000), de Hatoum. A obra homônima foi lançada em HQ, em 2015. Esta mesma obra foi adaptada para minissérie, como título homônimo por Luiz Fernando de Carvalho, em 2016. Os cineastas Guilherme de Carvalho e Marcelo Gomes levaram à tela do cinema, em 2016, a obra *Órfãos do Eldorado*, publicada em 2008.

<sup>2</sup> Ressaltamos que outras crônicas da coletânea - *Um solitário à espreita* (2013) -, poderiam ter sido igualmente selecionadas como *corpus* analítico neste artigo ou somar-se à análise já empreendida aqui, dado o caráter memorialista e espacial que apresentam, porém, dada a natureza deste texto e a finalidade primeira a que ele se destinava – atividade final de uma disciplina do doutoramento -, optamos por selecionar apenas uma crônica.

modernização. Nessa discussão, para a autora, a memória é gerada por todas as coletividades, assertiva que dialoga diretamente com Halbwachs (2006).

Expondo a memória como construção não apenas individual, mas também coletiva, conforme pontua os autores, a concepção de memória cultural como um diálogo entre os mortos e os vivos, sob uma ótica da coletividade, sobrevive ao tempo e transcende o tempo de vida do indivíduo (ASSMANN, 2011). Considerando essa premissa, entendemos que o escritor amazonense objetiva, através de suas narrativas, reestabelecer uma relação com o passado esquecido, especificamente, nesta discussão, sobre uma Manaus que não responde mais pelo seu nome, por sua identidade e por suas circunscrições, pois o presente perdeu sua relação vital com o passado.

No interstício dessa reflexão, no tecer e destecer de uma narrativa memorialista, o escritor caminhará em direção ao mais íntimo de uma lembrança, que é socialmente demarcada por um espaço e por objetos que remetem a recordações. Assim, considerando o caráter intimista e o estabelecimento de um “acordo” cultural/social entre a comunidade e o sujeito, Assmann (2008, p. 18) enfatiza que:

Como a consciência, a linguagem e a personalidade, a memória é um fenômeno social, e na medida em que recordamos, não só descemos às profundezas de nossa vida interior mais própria, mas introduzimos nesta vida (interior) uma ordem e uma estrutura que estão socialmente condicionadas e que nos ligam ao mundo. Toda consciência está mediada pelo social.

Com base na relação social pontuada pela autora, estabelecemos um vínculo entre memória e sociedade, vínculo esse condicionado pelos integrantes no/pelo espaço através das subjetividades. Tais espaços de memória não são criados de forma acidental e aleatória, eles apresentam características que ligam uns aos outros via objetos comuns, tais como: a própria cidade, as margens que cerca, o rio, o arvoredo, as frutas, dentre outros, objetos esses vislumbrados na produção literária de Milton Hatoum e fazem com que o leitor situe muitas de suas narrativas na capital do Amazonas.

Do outro lado, aproveitando o ensejo das discussões sobre espaço, é importante discorrer que ele, na narrativa literária “[...] mesmo que distante, passado ou meramente fictício, nutre, de forma curiosa, a expectativa do leitor de reencontrá-lo na geografia real ou, pelo menos, num *simulacrum*” (PIATTI, 2012, p. 276). A partir da expectativa de Piatti, rememorando a Manaus do século XX, Hatoum reúne traços de um passado esquecido, coloca em

performance o texto literário que materializa o mergulho intimista, ao lado de uma projeção memorialista em um dado espaço. Nessa linha de pensamento, para Brandão (2015, p. 56 in DALCASTAGNÈ & AZEVEDO, 2015), o espaço é “[...] como um “cenário”, ou seja, lugares de pertencimento e/ou trânsito dos sujeitos ficcionais e recurso de contextualização da ação [...]”.

Considerando a assertiva de Piatti (2012) que relaciona a expectativa do leitor viver materialmente o espaço da narrativa, remonta-se as considerações de Brandão (2015) sobre esses espaços serem lugares de pertencimento. Dessa forma, reiteramos a relação dialógica entre ambos os autores para pensar e conceber o tempo presente, acrescentando o que Assmann (2011) enfatiza quando atribui a ele a desconstrução da memória como registro e armazenamento, colocando-o na posição de reformulador do passado sob suas regras e óticas contemporâneas.

Desse modo, visualizamos a narrativa como elemento que abriga a opacidade do interstício do tempo passado com o presente. Narrativas encontradas, por exemplo, em *Relato de um certo Oriente* (1989), inauguram, no Brasil, a cidade como um ser vivo, que cresce, que se desenvolve e que também morre no imaginário coletivo. Nesta acepção, podemos extrair que Hatoum busca, pela utilização das categorias espaço e memória em sua literatura, retratar e situar a cidade de Manaus nos tempos passado e presente, desvelando transformações oriundas e causadas pelo homem que vive na modernidade, através da relação indissociável do homem com os espaços geradores de memórias e que, conseqüentemente, constitui ele em todas as suas subjetividades.

Manaus não é um dos espaços frequentes e preferidos nas narrativas que compõem e compuseram a literatura brasileira. Ela é a cidade escolhida por Hatoum por habitar [a cidade habita a memória] o eixo passado-presente, ou seja, ela transita entre a literatura e a história cronológica, fruto, segundo as discussões de Pollak (1992) e Halbwachs (2006), da memória como ação coletiva a partir de uma construção social e de uma experiência cultural.

A narrativa do escritor amazonense apropria-se de uma materialidade histórica, reconstrói a cidade sob um olhar intradieético, colocando o leitor numa viagem ao passado sob uma colcha de retalhos de memórias, cujo espaço afetivo é um retorno à infância, como é perceptível na aura de sua primeira obra *Relato de um certo Oriente*. Nesse contexto, para Assmann (2008, p. 24), o fato de o escritor retomar esses universos e se utilizar dessas características,

É uma questão do grupo social que quer recordar, e também do indivíduo que recorda para pertencer ao grupo. Por isso, ambos – coletivo e indivíduo – apelam ao arquivo das tradições culturais, ao arsenal das formas simbólicas, ao “imaginário” dos mitos e das imagens, aos “grandes relatos”, às sagas e lendas, às cenas e constelações, que no tesouro de tradições de um povo sempre estão vivos e podem reativar-se.

A partir desse trecho, a autora corrobora a assertiva da literatura poder reativar as memórias, ou seja, trazer para o presente o “tão necessário passado”. Assim, através de um processo de apropriação de materialidades reais ou ficcionais, o escritor reconstrói o espaço esquecido a partir das memórias culturais interpeladas no tempo – um mosaico de situações, relatos e experiências que habitam a narrativa.

Quanto às memórias esquecidas e à rememoração da cidade, é importante enfatizar que o sujeito, levando em conta as experiências coletivas, constrói sua memória individual e intimista. Paralelamente a essa acepção, Halbwachs (2006, p. 30) atrela outra característica às lembranças e ao lugar do outro nesse processo.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem.

No tocante à discussão do sociólogo francês, é possível percebermos o lugar do outro em nós, percepção essa que coloca as experiências adquiridas do/com o outro em evidência, sob um processo de transposição de lugar e tempo, que, por sua vez, não é capaz de confundir o sujeito que vive, que constrói com o sujeito que rememora. Considerando essa acepção, para Pollak (1992), essas experiências contribuem para a constituição de uma identidade individual, que também, é coletiva. Essa identidade é uma autoimagem construída para si e para o outro, cujo dialogismo introspectivo é seguido de seleções de memória resultantes da vivência cultural.

O lugar, é importante destacar, ocupa uma posição afetiva na narrativa de Milton Hatoum, e, sem dúvidas, geograficamente falando, está longe de se perder e de se confundir com outros cenários, pois distintamente de *A Tempestade*, de Shakespeare<sup>3</sup>, por exemplo, a

---

<sup>3</sup> A peça teatral *A Tempestade* é considerada a última obra de William Shakespeare, que tem suas ações ambientadas em uma ilha. Próspero, duque de Milão e, sua filha Miranda foram levados para essa ilha por Antonio, irmão do Duque, em razão de um ato de traição, pois Antonio desejava destronar Próspero. Também habitam a ilha Caliban, um escravo, considerado pelo Duque um homem adulto e disforme, com características animais; Ariel,

título de ilustração, em que o que se busca evidencia não a relação espaço, tempo e sujeitos e, sim, as relações de dominação e opressão, bem como suas consequências. Destarte, seus laços afetivos para com o espaço onde suas narrativas acontecem podem ser teorizados pela ótica de Tuan (2012) quando discorre sobre espaços de afetividade ou Topofilia, que segundo Bachelard (1993, p. 19):

Topofilia [...] visa determinar o valor humano dos espaços de posse, dos espaços defendidos contra forças adversas, dos espaços amados. O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação [...].

As discussões ancoradas em Bachelard (1993) compreendem os espaços de afetividade, ratificados posteriormente por Tuan (2012) como espaços de posse - aqueles que se apropria para que a imaginação, com todas as suas parcialidades e seleções, retome o processo de criação da narrativa. Tuan, por sua vez, acrescenta que esse sujeito está condicionado ao/no espaço porque nutre por ele um laço de afetividade, ou seja, reafirma a relação de interação estabelecida entre o homem e o ambiente material, característica de destaque na literatura contemporânea, que é geograficamente localizada, idealizada e recriada por Hatoum.

A partir dessas concepções, ambos os teóricos do espaço e da geografia humanística cultural, Bachelard e Tuan, pensam os espaços a partir da fenomenologia que os considera como espaços felizes. Nesse sentido, o conceito de topofilia, aplicado neste recorte discursivo, concebe-o como espaços resultantes das experiências da vida íntima, ao mesmo tempo em que estão estreitamente relacionados às experiências coletivas.

Portanto, baseados nessa tessitura, iniciamos a compreensão a respeito do percurso de Milton Hatoum, a partir da perspectiva que considera suas narrativas sob a ótica da memória e do espaço, direcionando-nos a pensar sobre o processo de reconstrução de um passado esquecido como resultado da evolução da cidade. Esse mergulho nas memórias que ressignificam as vivências da/na infância para reconstruir Manaus, especificamente na crônica em análise, retoma os efeitos do tempo, dos lugares de fala e da valoração do que pode ser esquecido ou lembrado no tempo presente, como elementos caracterizadores da atemporalidade subjetiva da memória que, via de regra, é renovada pelo mergulho no passado, que no espaço da narrativa pode ser compreendido como a origem das transformações espaciais. No tópico

---

espírito-servo de Próspero. Diferente do espaço manauense, a ilha não é lugar de rememoração, de ressignificação de experiências individuais e/ou coletivas, não entrelaçando os tempos passado e presente.

seguinte, discorreremos acerca da evolução do espaço da cidade de Manaus, pelo viés narrativo de Hatoum, em *Margens Secas da Cidade*.

### 3 A evolução do espaço manauense em *Margens Secas da Cidade* (2013)

Os estudos literários têm apresentado, no tocante à crítica, diversas pesquisas, cujas categorias de análise partem das teorias do espaço inter-relacionadas à memória, ou seja, categorias dialogando, intrinsecamente, para que consigamos uma crítica da totalidade. Nesta acepção, o sujeito no tempo-espaço constrói suas memórias e essas passam a compor um lugar latente nas narrativas, seja como fator que identifica o escritor a partir de uma peculiaridade, seja pela necessidade de pensar transitivamente o realismo e o fictício e seus limites.

A partir dessa assertiva, Dalcastagnè & Azevedo (2015, p. 12) pontuam a importância de pesquisas que entrecruzam o texto literário, bem como a inscrição das experiências das personagens:

Analisar a relação que se estabelece entre os indivíduos e os espaços por elas/es frequentados, ou efetivamente vivenciados, é imprescindível para se entender a construção das subjetividades encenadas nas narrativas, na medida em que “ler” o espaço e suas representações nos permite “ler” as personagens que nele inscrevem suas experiências [...]

Considerando as justificativas dos autores, entre espaços que inscrevem experiências e entender a construção das subjetividades há uma construção de relações que ele [o espaço] estabelece com outras categorias, entre elas, especificamente nesta discussão, com a memória. Diante disso, pensar os espaços narrados incute problematizar lacunas, objeções, renúncias, esquecimentos e silêncios, cujas assimetrias culturais repousam em questões sociais, via de regra, determinantes.

A partir da voz que enuncia “[...] da “voz” ou do “olhar” do narrador [...] (BRANDÃO, p. 61 In. DALCASTAGNÈ & AZEVEDO, 2015), o mundo da memória é revisitado e, espacialmente, toma a linguagem [língua, corpo, experiência, cultura] de quem dele se apropria na indeterminação temporal, “Era um canto matinal, não sei se antes ou depois dos galos, já nem sei quando [...]” (HATOUM, 2013, p. 61).

O fragmento que inicia o conto delinea um contexto interiorano por meio dos referentes - “canto matinal” e “dos galos”, fazendo com que a ambientação seja ratificada por outras

caracterizações, tais como: “floresta que nos cercava”, “Manaus”, “fauno”, “rio Negro”, etc. Alicerçado nessas especificidades, Wink (p. 26. In. DALCASTAGNÈ & AZEVEDO, 2015) discorre que:

[...] a literatura raramente é utópica (no sentido etimológico), pois ela costuma indicar, mais ou menos claramente, o lugar onde a ação se desenvolve. [...] ela possui uma referencialidade com o mundo empírico que cumpre uma função importante. [...].

A discussão de Wink (2015) enfatiza as características que percorrem muitas obras de Hatoum [*Relato de um certo Oriente; Dois Irmãos, Cinzas do Norte*], principalmente quanto a referencialidade à cidade de Manaus. Nesta acepção, compreendemos que é através da reconstrução desse espaço, no interstício de um mergulho nas memórias da infância e o conflito com o tempo presente, que o narrador reconhece que “[...] O tempo nos consome com lentidão [...]” (HATOUM, 2013, p. 62).

Consome lentamente até ficarmos velhos. Nesta acepção, de acordo com Tuan, “[...] na velhice existe o movimento de rememoração para voltar ao tempo da infância, porque esse é o “tempo feliz” (TUAN, 2012). Sendo assim, encontramos na crônica em tela a rememoração do tempo feliz, do qual nos fala Tuan, quando voltamos para o texto: “O homem era uma surpresa na luz da manhã, e a manhã, sim, era infância: terra nua, rio de horizonte sem fim. [...]” (HATOUM, 2013, p. 61). Reafirmamos, tendo como *corpus* esse fragmento, o início do processo de rememoração através da figura e da representação de um homem, “[...] o homem-árvore, um ser da floresta [...]” (p. 61).

O retorno ao passado, através da memória individual do narrador-personagem, corporificou o homem-árvore. Esse processo é entendido como uma alegoria porque adentra em uma representação figurada de um vendedor de frutas, que marcou a infância do narrador-personagem:

[...] Na minha memória, esse vendedor ambulante era um fauno de Manaus. [...] um caboclo equilibrando-se na rua de pedras, um pomar suspenso oscilando sobre a cabeça invisível, a voz trinando os sons tremidos pelo vento que vinha do rio Negro. Os sons das palavras encantavam, me atraíam como a serpente que ergue a cabeça ao som de uma flauta. Na voz, nenhum travo de raiva ou desespero, apenas a melodia de um homem humilde que deseja viver e depende da voz para sobreviver [...] (HATOUM, 2013, p. 61)

O vendedor ambulante é a figura central da narrativa para pensarmos os efeitos do tempo sobre o homem. Paralelamente, o mesmo efeito recai sobre a cidade, com maiores

dimensões, “[...] quintais de sobrados antigos, praças arborizadas que sombreavam a cidade, um porto imenso que mitigava o isolamento e a nossa solidão no equador”, (HATOUM, 2013, p. 62), proposição que faz-nos voltar à discussão anterior sobre o tempo consumir com lentidão, da infância à velhice, do passado ao presente. Nesse sentido, a presença de figuras representativas e folclóricas para a puerícia e desconsideradas pela sociedade, como o homem-árvore que sai do anonimato de seus afazeres marginais para o centro da memória, corrobora para a assertiva de Certeau (2014, p. 191): “[...] O que torna a cidade habitável não é tanto sua transparência utilitária e tecnocrática, mas antes a opaca ambivalência de suas estranhezas. [...]”.

Neste interstício, os sentidos opostos que o homem-árvore carrega por suas “estranhezas”, assim como seu processo de declínio temporal no meio de uma cidade que desfalecia pela modernização do espaço, são observados no fragmento: “[...] o homem-árvore, era a única natureza viva na cidade que se destruíra ou se deixava destruir pela sanha imobiliária, pelo progresso, que é apenas caricatura sinistra do progresso” (HATOUM, 2013, p. 62).

A cidade ergue-se a partir das memórias que são compiladas e constroem, juntamente com os espaços, as pessoas que neles habitam. Nessa direção, Certeau (2014, p. 190) pontua que:

[...] Essas velharias que parecem dormir, casas desfiguradas, fábricas desativadas, cacos de histórias naufragadas, elas ainda hoje formam as ruínas de uma cidade desconhecida, estranha. Irrompem na cidade modernista, cidade de massa, homogênea, como os lapsos de uma linguagem que ninguém convence, quem sabe inconsciente [...].

O declínio da natureza simbólica da cidade, que constitui as memórias, efetiva-se “[...] quando um dado repositório de conhecimento partilhado se perde [...]” (ASSMANN, 2011, p. 17). Vejamos o trecho a seguir, em que Hatoum contempla esse esvaír homem/cidade.

Como é possível perder a razão de ser? Você não ouve mais o som flautado, não vê mais a árvore da vida, não encontra o desejo nem os indícios da primeira manhã. Aquela árvore e seu tronco foram se atrofiando, a aspereza da cidade usurpou o indivíduo do nosso convívio, tudo se tornou enorme e disforme. [...] (HATOUM, 2013, p. 62)

O que antes era razão, no tempo presente é substituído por uma cidade disforme. Nessa assertiva, o relato do narrador questiona o lugar desse passado através da rememoração. É a perda ou quebra da aura da cidade (BENJAMIN, 2013). A partir desse movimento, a

modernidade quebra essa aura e refuta todo o passado em prol de uma contemporaneidade vazia. Benjamin (1987) acrescenta que a experiência, em diálogo com a escrita do relato, encontra seu paradigma na figura do narrador que é impedido de sua função. Assim, para Certeau (2014, p. 191), tal proposição se reafirma quando “[...]Os restos do passado que se foram abrem, nas ruas, escapadelas para um outro mundo [...]”, ou seja, para a travessia, como vemos abaixo, em um trecho do conto em análise:

[...] o homem sempre aparecia quando eu regressava para Manaus [...] A árvore móvel atravessava a cidade e creio que atravessou minha vida e o tempo, teimando em sobreviver com a cabeça vegetal e os pés de raízes aéreas, o corpo invisível, a cabeça escondida, as frutas caindo dos galhos e das folhas verdes, frutas que cheiravam a léguas de distância e davam água na boca aos astros, como se um punhado da Amazônia estivesse ali [...]. (HATOUM, 2013, p. 62).

A travessia que o homem-floresta faz na vida do narrador, da infância à vida adulta, é um movimento necessário para se perceber a memória que foi secando como as margens, aspectos esses substanciais para compreender a semântica do título do conto. “[...] Triste e sem voz, parado no mormaço, sobrevivente que a morte espreita nas margens secas da minha cidade”. (p. 63).

Considerando a sobrevivência que não consegue chegar à estância do viver, Bachelard (1993, p. 23) enfatiza a importância de entrecruzarmos a vida - nosso primeiro cosmos: “É preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num canto do mundo [...]”. Desse modo, assim como o homem-árvore desenraizou-se paralelamente do crescimento e da modernização da cidade, o narrador vê-se numa situação de confronto: “[...] E sem querer, um ato involuntário nos conduz ao coração da realidade. Fui me despedir do igarapé agora aterrado, as palafitas pobres substituídas por casas feias, fachadas, sem varandas, janelas pequenas. [...]” (HATOUM, 2013, p. 63).

A evolução de Manaus percorreu todas as instâncias da vida: do igarapé seco ao formato das casas sem varanda. Neste interstício, as vozes que enunciam, nessa análise, de um narrador intradiegetico adulto, podem ser assimiladas aos papéis ocupados pelos mais velhos na construção das memórias:

[...] Assumem o papel misterioso que as sociedades tradicionais atribuíam à velhice, que vem de regiões que ultrapassam o saber. Eles são testemunhas

de uma história que, ao contrário daquelas dos museus ou dos livros, já não tem mais linguagem. Historicamente, de fato, eles têm uma função que consiste em abrir uma profundidade no presente, mas não têm mais o conteúdo que provê de sentido a estranheza do passado [...] (CERTEAU, 2014, p. 192).

De acordo com o autor, a experiência de vida aliada à rememoração atribui aos mais velhos a figuração mística de um ser transcendental, que está além de seu tempo porque consegue olhar o passado para compreender o presente (BENJAMIN, 2010). É nessa direção que Milton Hatoum ancora-se, como experiência pessoal, a partir dos espaços como, por exemplo, o rio Negro, a rua Joaquim Nabuco 457, o igarapé, a floresta etc., que servem de ambientação para o protagonista delinear suas experiências memorialistas e, posteriormente, voltar para contrastar os efeitos do tempo sobre a cidade e sobre as pessoas, especificamente, sobre aquele homem-árvore.

Manaus não é mais a mesma, “[...] não sinto o cheiro perfumado do sapoti, o sabor do jambo arroxeadado [...]” (HATOUM, 2013, p. 63), porque ela envelheceu, assim como o homem-árvore, agora desfolhado, seco, sem vida e sem profundidade no olhar, mas “[...] as palavras taperebá, ingá, sorva, tucumã, graviola, jatobá, cupuaçu, bacaba [...]” são palavras “[...] que nunca mais deixei de ouvir por onde andei e morei [...]” (p. 61-63). Baseados nesses fragmentos, percebemos que a estratégia de retomar as memórias, a partir de um léxico amazônico, corrobora para o enaltecimento e ao mesmo tempo o declínio do homem-árvore, que além de sua desfiguração física, afirma-se que as frutas não são mais as mesmas, não têm os mesmos sabores e nem cheiram como antes.

Portanto, segundo a respectiva análise adotada aqui, visualizamos uma infância rememorada na vida adulta, objetivando explicar e identificar os efeitos do tempo sobre as pessoas e sobre os espaços citadinos. Manaus teve sua aura quebrada pela modernidade, e, respectivamente, todas as ações urbanas no ceio amazônico seguiram o mesmo percurso de declínio. Milton Hatoum, em *Margens Secas da Cidade*, questiona o espaço em duas situações de temporalidade, passado *versus* presente, confronta-os a partir de uma revisitação às memórias da infância e coloca-nos a refletir sobre o lugar da cidade, das memórias construídas nesse tempo feliz, bem como das pessoas e do campo literário na construção social contemporânea, como elementos que são constituintes da identidade do homem, cuja compreensão de si e do mundo perpassa o entrelaçamento da temporalidade, no caso em tela,

no/do espaço citadino manauense, do sujeito autor e do narrador-personagem pelo viés memorialístico.

## Considerações Finais

O texto literário é intrinsecamente ligado ao mundo real, seja pelo fio do imaginário que o tece, seja pelo lugar que ocupa no imaginário coletivo através de sua recepção e comunicabilidade. Assim, embora não tenha compromisso com a realidade, a literatura possibilita aos leitores um mergulho nas materialidades urbanas, por meio de uma ótica que privilegia uma crítica da totalidade que, via de regra, considera a análise dos espaços que são (re)construídos nos interstícios memorialísticos, dos quais a narrativa utiliza-se para constituir-se.

Embasados na assertiva de que a memória e o espaço formam espaços de felicidade, segundo Bachelard (1993) e Tuan (2012), Milton Hatoum inscreve-se na literatura brasileira por trazer em suas narrativas, de um lado, o enaltecimento de um passado que é rememorado através das lembranças da infância; e do outro, os efeitos da modernidade sobre o homem e sobre a cidade, tempo esse que tudo altera e tudo transforma.

Nesse sentido, desde seu primeiro romance, *Relato de um certo Oriente*, o escritor tem um encanto e ambienta parte de suas narrativas no Norte do país, especificamente, na Amazônia brasileira – a tão encantada Manaus dos tempos pueris. Hatoum utiliza-se de uma estratégia muito interessante, que é situar a narrativa no espaço através de objetos, que são revisitados na vida adulta para reconstruir os mesmos espaços esquecidos. Assim, utilizando-se de tais mecanismos, resgata as memórias e com elas o narrador-protagonista tem a sensação de viver as mesmas sensações da infância. São os espaços de felicidade reconstruindo-se na vida adulta a partir de um olhar voltado para o passado (BENJAMIN, 2010).

Portanto, em *Margens Secas da Cidade*, crônica que integra a coletânea intitulada *Um Solitário à espreita* (2013), o escritor manauense reconstrói uma cidade esquecida no tempo, através de percursos memorialistas formados por diversos lugares e pelo homem-árvore, personagem folclórico sobre o qual o autor debruça os efeitos da evolução da cidade para pensar seus contrastes. Partindo dessas assertivas, é através da infância nua e viva, que o homem-árvore foi capaz de atravessar o tempo, ocupando o mesmo lugar no passado e no presente, interstícios esses que o narrador intradieético se utiliza para enfatizar o esquecimento

do sobrevivente, preso entre a materialidade e a temporalidade [espaço-tempo], desse ser da floresta consumido na/pela cidade e que tomou a corporificação de suas margens, ao passo que como ele, elas também foram secando.

## Referências

ASSMANN, Aleida. *Canon and Archive*. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed.). *Cultural Memory Studies: Na International and Interdisciplinary Handbook*. Berlin: Walter De Gruyter, 2008.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução por Paulo Soeth. Campinas: UNICAMP, 2011.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: Walter Benjamin – Obras escolhidas, vol. 1: Magia e técnica, arte e política. Tradução por Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Tradução por João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

BENJAMIN, Walter. *A Obra de arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica* (Org. e Prefácio – Márcio Seligmann-Silva), Tradução por Gabriel Valladão Silva, 1ª Edição, Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

BRANDÃO, L. A. *Regimes de espacialidade na literatura brasileira contemporânea*. In: DALCASTAGNÈ, R. & AZEVEDO, L. *Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea*. Org. Porto Alegre (RS): Zouk, 2015.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Tradução por Bras. Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth 1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

DALCASTAGNÈ, R. & AZEVEDO, L. *Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea*. Org. Porto Alegre (RS): Zouk, 2015.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução por Beatriz Sidou. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HATOUM, Milton. *Um solitário à espreita: crônicas*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. “Memória e identidade social”. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PIATTI, D. E. *Tempo e espaço em lavoura arcaica*. Revista Online. Uniletras, Ponta Grossa, v. 34, n. 1, p. 113-122, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/3527>. Acessado em 10/07/2019.

TUAN, Y. F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução por Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 2012.

WINK, G. *Topografias literárias e mapas mentais: a sugestão de espaços geográficos e sociais na literatura*. In. DALCASTAGNÈ, R. & AZEVEDO, L. *Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea*. Org. Porto Alegre (RS): Zouk, 2015.